

## Infância, mídia e mediações

Sueli Ferreira Schiavo  
Universidade Paulista<sup>1</sup>

### Resumo:

Este texto, partindo da conceituação da infância, problematiza o uso da mídia, principalmente a eletrônica, por crianças pequenas desacompanhadas. Considera que há a necessidade de limitar o acesso e promover a mediação de adultos, porque estatísticas demonstram que a criança fica exposta por horas seguidas, submetida à imagens, sons, movimentos, para convencimento, persuasão, dentro de um modelo de sociedade assentado sobre a produção de bens e serviços. Conforme constatado em pesquisas, a criança ocupa um papel central nas decisões de compra da família. Sem a mediação de conteúdos, estará vulnerável a outras situações que extrapolam seus recursos pessoais o que compromete sua capacidade de entendimento. Propõe para a garantia de direitos que a sociedade civil deve estar atenta para a defesa da Resolução n. 163/2014 do Conanda e a Classificação Indicativa. Está fundamentado em autores como, Neil Postman, Lev Vygotsky, Boris Cyrulnik, entre outros.

**Palavras-chave:** criança, mídia, mediação.

### Infancia, Medios y Mediaciones

### Resumen:

Este texto, a partir de la conceptualización de la infancia, discute el uso de medios, principalmente electrónica, para los niños pequeños no acompañados. Considera que existe la necesidad de limitar el acceso y promover la mediación del adulto, porque las estadísticas demuestran que el niño está expuesto durante horas a la vez, presentado a imágenes, sonidos, movimientos, a la convicción, persuasión, dentro de un modelo asentado de la sociedad en la producción de bienes y servicios. Como se ve en la investigación, el niño ocupa un papel central en las decisiones de compra de la familia. Sin la mediación de contenidos, es vulnerable a otras situaciones que van más allá de sus recursos personales y compromete su comprensión. Propone para garantizar los derechos que la sociedad civil debe estar atento para la defensa de la Resolución n. 163 de *Conanda* y la *Classificação Indicativa*. Se basa en autores como, Neil Postman, Lev Vygotsky, Boris Cyrulnik, entre otros.

**Palabras clave:** infancia, medios, mediaciones.

<sup>1</sup> Graduada e licenciada em Psicologia, mestre e doutoranda em Comunicação. Contato: suelischiavo@gmail.com.

## Introdução

O conceito de infância como a que temos na atualidade é algo construído nos últimos 400 anos, segundo explica Neil Postman (1994) na obra *O Desaparecimento da Infância*. Antes de compreendermos a infância como um período diferenciado, as crianças eram tratadas como pequenos adultos, tinham a perspectiva de poderem ser exploradas, mesmo sexualmente, não haviam segredos adultos, não contavam com proteção social simplesmente pela sua condição vulnerável.

Conforme Postman, a contextualização das distinções entre crianças e adultos é algo que historicamente se inicia no período da Renascença e da Grécia Antiga. Segundo esse autor é de 374 d.C. a promulgação de lei de proibição ao infanticídio, contribuíram os romanos em acrescentar a compreensão de noções de proteção, tais como a noção de "vergonha" que tem a ver com a preservação em relação aos segredos sexuais adultos. No entanto, ressalta esse autor, que a partir da liberalidade quanto às questões sexuais e da desatenção à educação das crianças na Modernidade, considera que isso leva ao desaparecimento da infância, principalmente pelo acesso à mídia eletrônica, como por exemplo, a televisão presente na maioria dos lares.

A humanidade procura avançar na compreensão das diferenças de condição bio-psico-sociais de crianças. Pesquisas de diferentes estudiosos conduzem a esse entendimento, como por exemplo, Lev Vygotsky (2001) na obra *Pensamento e Linguagem*, em que são ressaltadas três escolas de pensamento relativas a como as crianças aprendem em sua relação com o mundo. Em uma delas, a condição para o aprendizado está diretamente relacionado ao desenvolvimento das estruturas mentais. Coloca esse autor que, "qualquer instrução exige um grau de maturidade de algumas funções: não se pode de maneira nenhuma ensinar uma criança de um ano a ler ou uma criança de três anos a escrever". (VYGOTSKY, 2001, p. 219) Isso significa que há uma determinada condição necessária das funções mentais para que a criança atinja níveis de abstração e compreensão. Uma segunda teoria analisa que o desenvolvimento da criança se dá na relação entre os "processos na associação e na formação de hábitos, tornando assim a instrução sinônimo do desenvolvimento [...] vê o desenvolvimento intelectual da criança como uma acumulação gradual de reflexos condicionados; a aprendizagem é

vista precisamente da mesma forma”. (*Idem*, 2001, p. 221) Uma terceira associa as ideias das anteriores e vai afirmar que “todo o desenvolvimento tem dois aspectos, a maturação e a aprendizagem”. (VYGOTSKY, 2001, 222) Sobre esta terceira teoria, Vygotsky esclarece que ela promove um avanço do entendimento porque,

Admite uma certa interdependência entre os dois aspectos do desenvolvimento [...] A maturação, por seu turno, proporciona novas oportunidades para a aprendizagem [...] Uma vez que a criança tenha formado determinada estrutura, ou aprendido determinada operação, será capaz de a aplicar a outros meios. [...] O terceiro ponto em que esta teoria se mede vantajosamente com as anteriores é a sua concepção da relação temporal entre a instrução e o desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2001, p. 222-223)

Essas linhas de pensamento ajudam na compreensão de características humanas do período da infância. Entender como as crianças aprendem em sua relação com o mundo, a influência das diferentes condições educacionais, sócioeconômicas, culturais, as diferentes oportunidades e experiências de vida. Isso tem importância para se contextualizar a diversidade nos níveis de prontidão que são observados nas crianças.

Considerando que a televisão está presente na grande maioria dos lares, e que há crianças muito pequenas tendo acesso, a mediação pelo adulto é fundamental, porque a criança pode estar diante de conteúdos para os quais ela não tem recursos para se defender e que podem distorcer seu entendimento sobre os diferentes assuntos. Mediação aqui entendida como o esclarecimento do que se trata na condição da criança aquilo que está sendo apresentado, contextualizar informações, relativizar no caso de cenas fantasiosas, como na publicidade por exemplo, em que a criança pode ser levada a entendimentos desproporcionais daquilo que está sendo mostrado.

Esperar da escola a condição de suprir a educação para o uso da mídia ainda depende da organização social e de políticas públicas. Há a necessidade de ser estruturada essa atuação, mesmo assim, no caso de crianças pequenas não é suficiente.

Mediação no uso da mídia eletrônica no ambiente familiar, previne entendimento inadequado de diferentes situações, como por exemplo, entender motivos para determinados consumos e as relações com aceitação, inclusão, preconceito, entre outros.

A escola ocupa um determinado tempo na vida diária da criança e nesse espaço se reproduzem as situações que permeiam o ambiente social dos diferentes grupos. As influências recebidas dos apelos midiáticos ao consumo se manifestam na condição econômica e cultural para o acesso. Frente à desigualdade social, a condição de atender aos desejos despertados nas crianças também se diferencia. Postman (2006) acredita que a educação como um modelo de obter da infância uma acomodação cultural é um processo conflituoso por natureza porque, "requer dos jovens um alto grau de concentração e serenidade que contraria suas inclinações". (POSTMAN, 2006, p. 60) Esse autor discute em sua obra que o processo para o letramento ocorre por imposição do adulto à criança e não por escolha. Na visão histórica, analisa que foi a necessidade de letramento que diferenciou as condições de acesso à educação. Explica esse autor, "como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos ainda não formados". (*Idem*, 2006, p. 55)

A criança quer ser reconhecida, ser amada, se sentir inserida em seu grupo social e isso a desafia a atender as expectativas que observa recaírem sobre ela. Os conteúdos midiáticos constituídos pela ação de diferentes profissionais compreendem e exploram essas características humanas, o precisa ser relativizado pelos pais e responsáveis.

Um outro autor que irá discutir como o pensamento e a linguagem da criança são influenciados social e culturalmente é Christoph Wulf (2013). Esse autor analisa formas da criança conhecer, "enquanto o pensamento racional moderno toma como referência um sujeito cognitivo preso à sua singularidade e isolamento, a mimesis é sempre ocasionada pela rede de relações entre pessoas". (p. 78) Esse autor chama a atenção para "o intercâmbio entre o homem e o mundo e o componente de 'poder' nele contido. [...] A história da mimesis é uma história de conflitos pela conquista do poder: o poder de criar um mundo simbólico, o poder de representar a si mesmo e ao mundo" (p. 78) Para Wulf, há um aprendizado cultural que tem relação com o fenômeno da mimese, "processos

miméticos não são meros processos de imitação ou reprodução. Pelo contrário, eles requerem uma configuração individual [...] Muitos processos miméticos são indissociáveis dos processos de cobiçar e desejar, do sentir e do experimentar". (p. 78) Em suas pesquisas esse autor busca esclarecer que a mimese no caso das crianças é uma forma de incorporar experiências com o mundo.

Segundo a concepção de Benjamin, a criança experimenta o mundo mimeticamente. Como os antigos magos do passado, ela constroi semelhanças entre si e o mundo exterior: a criança "lê" o mundo e nesse processo "cria" correspondências. Transforma-se assim em um "moinho de vento", estende os braços, deixa-os rodar e, ao fazer isso, com sua boca, produz o vento necessário para movimentar as pás. É assim que a criança amplia o raio de sua experiência: compreende de que modo o vento coloca em movimento o moinho; experimenta o poder do vento e o poder da exploração da natureza pelo homem; sofre o fascínio de produtividade humana. No ato mimético de transformar-se em um moinho de vento, a criança experimenta - ao menos no jogo - sua possibilidade de exercer o poder sobre a natureza. Na medida em que a criança com o seu corpo "torna-se" um moinho de vento, ela familiariza-se com uma primeira forma rudimentar da máquina e com o caráter de máquina do seu próprio corpo humano. Ao mesmo tempo, experimenta seu corpo como instrumento de representação e expressão. Não apenas a criança ganha a possibilidade concreta de representação e expressão, mas também experimenta a possibilidade de empregar em seu corpo para fins específicos e para receber, desse modo, um reconhecimento social. Processos miméticos desse tipo são acompanhados de interpretações simbólicas, de modo que o resultado desenvolve também o pensamento e a linguagem" (WULF, 2013, p. 79-80)

No brincar a criança explora suas possibilidades, essa oportunidade é limitada pelo uso da mídia eletrônica que não é o mesmo que brincar com os brinquedos. Na atividade

de uso da mídia eletrônica, as interpretações que a criança vai fazer das informações que recebe precisarão ser conhecidas e mediadas pelos adultos, porque tratam-se de conteúdos produzidos e orientados por adultos.

Diferentes estudos compreendem que questões da natureza humana da criança, em termos de aliar as estruturas fisiológicas para a prontidão juntamente com oportunidade de vivenciar diferentes experiências, conduzem a uma compreensão de forma associada. No caso do uso da mídia eletrônica, isso implica no cuidado em relativizar sobre determinados conteúdos, como por exemplo, os que banalizam a violência, promovem erotização precoce, caracterizam incitação ao preconceito, principalmente no caso de crianças pequenas, porque ainda não dispõem de recursos próprios para o entendimento. Por exemplo, quando a publicidade dirige seu apelo diretamente à criança e não ao adulto responsável por ela, a autoridade do adulto fica em segundo plano. Está contemplado pela Resolução n. 163 do Conanda, que busca coibir esse tipo de ocorrência, mas que na prática irá se fazer cumprir a partir da atenção das pessoas na sociedade, porque há os que se contrapõem e discutem essa Resolução defendendo diferentes interesses.

Não é à toa que responsáveis pela produção de publicidade colocam crianças como público-alvo. Sobre a importância desse tema, estudiosos demonstraram que a influência familiar no caso de decisões de compra acontecem até com crianças na faixa etária de 3 a 6 anos de idade, "apesar da idade baixa, as crianças influenciaram a compra dos pais, mesmo em produtos de vestuário, bem menos atrativos que brinquedos". (Rosa et al., 2008, p. 14) Outras pesquisadoras identificaram inclusive a forma como as crianças agem para exercer a influência, "pedindo, implorando ou barganhando. Conseguem sim, influenciar seus pais na hora da compra e são induzidos pela compra tanto pelas coisas que vêem na televisão, quanto nas conversas com os amigos". (DEXHEIMER, BACHA, 2011, p. 11)

A forma como a criança se relaciona, apreende e incorpora suas experiências tem relevância, porque ela está desenvolvendo seu entendimento de como as coisas acontecem. É necessário o cuidado sobre o uso que se faz da mídia eletrônica, porque há estatísticas que demonstram que não é só a televisão,

No Brasil, um levantamento feito pela revista Crescer com 1.045 mães e pais de crianças de 0 a 8 anos mostrou que 40% das crianças de 5 a 8 anos já têm seu próprio tablet. A pesquisa também indica que 76% das crianças acessam o computador diariamente e que 59% das crianças de até 2 anos passam de 30 minutos a 2 horas usando o smartphone todos os dias. (REIS, 2014)

Essa mídia utiliza de imagens, cores, sons, movimentos, tudo que contribui com a fantasia, imaginação, para envolver e despertar o desejo. A criança com um período diário de seu tempo ali com a atenção focada está vulnerável. A compreensão dos entes sociais de que há diferentes interesses envolvidos, de um lado a criança ávida por conhecimento, com muita energia e disponibilidade, de outro lado, os operadores de mídia, que são empresários de diferentes atuações profissionais, buscam a manutenção de seu negócio, usam de convencimento, persuasão, para despertar induzir a venda de produtos e serviços dentro de um modelo de sociedade estruturado pela produção em massa. Isso caracteriza uma condição para exercer o poder de influenciar, ditar modos de ser e de entendimento do mundo, que no caso de crianças pequenas pode constituir vulnerabilidade. Em alguns casos é difícil para a criança diferenciar o que é publicidade do que é conteúdo da programação.

### **Por que as mediações?**

Boris Cyrulnik (2001) salienta em seus estudos que humanos são seres permeáveis, porosos. Esse autor reforça a importância dos afetos e como a natureza humana é influenciável, os temas perpassam, despertam o interesse, e isso é uma característica. A criança está em seu habitat que pode ser um lugar de muitas oportunidades disponíveis para o brincar, podem haver coleguinhas ou adultos que ajudam a compor brincadeiras, um lugar onde a criança se sinta aceita, amada, respeitada por ser como ela é. Nesse caso, a mídia pode ser apenas mais uma das ofertas, atividade que ela tenha para fazer acompanhada. Por outro lado, essa criança

pode estar sozinha, pode estar limitada em sua condição para brincar, que pode ser dificultada por diferentes características que a tornam vulnerável. Isso situa condições distintas que podem permitir aos conteúdos veiculados na mídia exercerem influência de forma mais ou menos determinante. Os conteúdos não são neutros, são produzidos por finalidades que desejam alcançar. Assim como Cyrulnik, Wulf também reforça que “os seres humanos estão abertos à influência do mundo”. (WULF, 2013, p. 128)

Os núcleos familiares são diversificados na atualidade, o papel da mulher é muito exigido, principalmente quando ela está sozinha na criação dos filhos. Nos grandes centros urbanos, as condições de moradias são limitadas, há ausência de espaços públicos em que a criança possa brincar em segurança. A estruturação comunitária, que poderia constituir soluções conjuntas para administrar as questões comuns, em algumas regiões é praticamente inexistente, as famílias são nucleares, estão isoladas, demandando de pais e responsáveis terem que desenvolver diferentes papéis diariamente, sendo que a criação e educação dos filhos é um deles. Como é possível esperar que nessas condições de vida urbana, pais e responsáveis tenham disponibilidade para a mediação de diferentes conteúdos de mídia que a criança tem acesso? Este é um desafio que está posto para os diferentes entes sociais.

É depositado na escola diariamente expectativas a serem atendidas frente à sua condição de assumi-las, assim como no caso de pais e responsáveis oprimidos pela agenda diária também se depositam expectativas de seu desempenho, um jogo de empurra e de culpabilização se configura. É indispensável que a sociedade civil e órgãos públicos discutam ações conjuntas para amenizar a influência de conteúdos midiáticos sobre crianças que possam estar expostas sem mediação, e implementar políticas públicas para proteção e garantia de direitos.

A mídia aqui entendida tanto como meio, promotora das mediações e como ambiente comunicacional é uma concessão pública. No Brasil é operada por grandes conglomerados empresariais privados. Existem desafios sociais a serem enfrentados na defesa dos interesses da criança em relação à mídia. Por exemplo, em dezembro de 2014, “A Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e TV (Abert) entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) contra a classificação indicativa. Na ação, o



argumento seria de que o mecanismo 'viola a liberdade de expressão das emissoras'." (REVISTA FÓRUM, 2014) Nesse mesmo mes, "Organizações lançam nota pública em defesa da Classificação Indicativa com vinculação horária para TV aberta". (INTERVOZES, 2014) (Esclarece-se aqui que Classificação Indicativa diz respeito ao processo regulamentado pelas Portarias nº 1.220, de 11 de julho de 2007 e nº 1.100, de 14 de julho de 200 do Ministério da Justiça). O tempo dispendido em acesso à mídia eletrônica representa horas diárias. A criança exposta a diferentes apelos visuais e auditivos, com o tempo disponível para ser formada sua opinião, demanda cuidados. "A classificação por faixa etária e horária permite aos pais e responsáveis determinar uma regra permanente na relação das crianças e adolescentes com a televisão [...] evitando uma lógica de tutela estatal". (CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA, 2011)

## **Conclusão**

Estudos apresentados demonstraram que a crianças pequenas não dispõem de todos os recursos que os adultos dispõem para a compreensão das relações com o mundo. Em muitos casos, a vida urbana limita condições de brincar e interagir com outras crianças, transformando televisão, Internet, como recursos que entretém e ocupam o tempo. Porém, os riscos embutidos, conforme os estudos apresentados sobre o nível de prontidão das crianças e a capacidade de persuasão e convencimento dos conteúdos, podem não estar sendo suficientemente observados pelos diferentes entes sociais.

Há desafios que estão postos: as demandas dos papéis dos pais e responsáveis frente à composição diversificada de núcleos familiares para a condição de mediação do uso da mídia; a limitação de espaços urbanos seguros para o brincar; desenvolvimento comunitário insuficiente em contraponto ao isolamento das famílias; o desafio que está posto diariamente às interações humanas nas escolas. Esse quadro corrobora a necessidade da busca de soluções sociais contextualizadas e o investimento em políticas públicas na temática da garantia de direitos das crianças expostas diariamente à mídia.

## Referências

BRASIL. Secretaria dos Direitos Humanos. CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Norma 163 de 13 de Março de 2014**. “Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente”. D.O.U. No 65, sexta-feira, 4 de abril de 2014.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA. Em defesa da Classificação Indicativa. Contra-argumentos. 2011. Disponível em: <[http://www.classificacaoindicativa.org.br/?page\\_id=30](http://www.classificacaoindicativa.org.br/?page_id=30)>. Acesso em 26.12.2014.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência** – Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DEXHEIMER, Carolini; BACHA, Maria de Lourdes. O consumismo infantil: a influência das crianças na decisão de compra dos pais. In: VII Jornada de Iniciação Científica. São Paulo. 2011. **Anais eletrônicos...** Universidade Presbiteriana Mackenzie. PIBIC. SP, 2011.

INTERVOZES. Organizações lançam nota pública em defesa da Classificação Indicativa com vinculação horária para TV aberta. 11/12/2014. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/nota-publica-em-defesa-da-classificacao-indicativa-com-vinculacao-horaria-para-tv-aberta/>>. Acesso em 26/12/2014.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Petrópolis: Graphia Editoria, 2006.

REIS, Pâmela. TV ainda é mais consumida que dispositivos móveis, aponta pesquisa.

Revista Crescer, atualizada em 28/11/2013. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2013/11/tv-ainda-e-mais-consumida-que-dispositivos-moveis-aponta-pesquisa.html>>. Acesso em 26.12.2014.

REVISTA FÓRUM. Associação Brasileira de Rádio e TV quer derrubar classificação indicativa. Coletivo Brasil. 04/12/2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/12/associacao-brasileira-de-radio-e-tv-quer-derrubar-classificacao-indicativa/>>. Acesso em 26/12/2014.

ROSA, Luisa Keyser da; MUSSI, Carlos W.; HUBLER, Eduardo Aquino; SERRA, Fernando. A influência do público infantil no comportamento de compra de seus pais. Rio de Janeiro. In: XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. **Anais eletrônicos...** RJ, 13 a 16 out 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed

Ridendo Castigat Mores. Fonte Digital. 2001. Disponível em: < [www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com) >. Acesso em 22.04.2014.

WULF, Christoph. **Homo Pictor** - Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.